



Contar para resistir: processo formativo docente no território da educação infantil.

Nara Barreto Santos 1

UNEB (Brasil)

narabarreto194@hotmail.com

Nubiane Andrade da Anunciação 2

UNEB (Brasil)

nubiane986843699@gmail.com

Rosemary Lapa de Oliveira 3

UNEB (Brasil)

rloliveira@uneb.br

Resumo: Este trabalho emerge de inquietações e reflexões aprofundadas sobre o processo formativo docente em torno das práticas de contação de histórias (CH) no cotidiano da educação infantil (EI), sendo estes espaços educativos permeados por crianças brasileiras, crianças africanas e crianças filhas de africanos, no município de São Francisco do Conde – Ba. Este estudo apoia-se na abordagem qualitativa, fundamentada nos estudos (auto)biográficos Amado; Ferreira (2014) e nos dispositivos de produção de informações, através da observação participante Correia (2009) e nos registros das experiências descritas no diário de bordo em conformidade com Proença (2022), acentuando a importância da contação de histórias como dispositivo pedagógico que fomenta o desenvolvimento de experiências no cotidiano da educação infantil, resultando nas modificações das ações docentes, mediante a contação de histórias. Para fundamentarmos esta investigação no quesito contação de histórias na contemporaneidade, nos debruçamos nos aportes teóricos de Santos; Oliveira (2024) e Velasco (2018). Tratando-se das discussões sobre a formação docente apoiamos-nos em Tardif, (2014), bem como trazemos para este estudo as contribuições de Teodoro (2020) sobre a perspectiva da criança negra no contexto da educação infantil, na contemporaneidade. Nesse cenário, o presente estudo se orienta pela seguinte questão: como se constitui a formação docente na educação infantil, considerando os desafios impostos por práticas de contação de histórias no contexto das crianças brasileiras, africanas e brasileiras filhas de africanos, diante de questões étnico-raciais, culturais, linguísticas e legais no ambiente educativo?

Palavras-chave: contação de histórias, formação docente, educação infantil.

1. Introdução¹

A presença de crianças africanas e/ou filhas de africanos na dinâmica social e local no município de São Francisco do Conde (SFC) configura-se como potente produtora de saberes, convocando reflexões sobre seus papéis enquanto sujeitos de direitos e cidadãos imigrantes. Tal presença está relacionada ao processo migratório pendular, fruto da

¹ Pesquisa desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa e Estudo em Leitura e Contação de Histórias – GPPELCH, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade -PPGEduC/DEDC I - UNEB.



chegada de estudantes africanos - pais dessas crianças - ao Brasil, por meio da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

E nessa conjuntura, a contação de histórias tem papel primordial de fomentar o percurso formativo docente perante a visão fragmentada dos sistemas de ensino, e consequentemente da escola burocrática. Todavia, este estudo propõe reconhecer práticas docentes que utilizam a arte de narrar para além de uma atividade lúdica. Salientamos, que existem ações pedagógicas que objetivam afetar e sensibilizar reflexões em professores e demais educadores que não exploram a CH como fonte de conhecimentos, destacando sobre a importância das narrativas orais na constituição da formação docente.

Ainda que diante das configurações tradicionais e mediações educativas, é por meio das pedagogias participativas experienciadas no cotidiano da EI, que a contação de histórias continua se apresentando como componente basilar, potente, contemporâneo e mediador de saberes. Segundo Oliveira-Formosinho (2007) - Pedagogias Participativas é uma abordagem educacional centrada na criança como sujeito ativo do seu processo de aprendizagem e no educador como um parceiro que escuta, observa e colabora com esse desenvolvimento.

No entanto, essa pedagogia valoriza a participação ativa de todos os envolvidos no contexto educativo - crianças, educadores, famílias e comunidade, reconhecendo que a aprendizagem acontece na interação, no diálogo e na construção conjunta de saberes. E nesse caso, esse estudo faz referência à diversidade humana e cultural presente na educação infantil de São Francisco do Conde – Ba, com a presença das crianças africanas e filhas de africanos, em composição das práticas de CH na fomentação das experiências infantis, e consequentemente, a construção formativa docente. Para mais, a pedagogia participativa rompe com práticas tradicionais e verticalizadas, promovendo uma educação mais democrática, sensível e contextualizada, onde o currículo é construído com base nas experiências, interesses e expressões das crianças.

E nessa configuração, surgem as formas diversificadas de formação docente como elemento promotor de saberes. Uma vez que além de capacitar professoras, a formação docente inicial e continuada, qualifica práticas pedagógicas quanto às questões que explora a contação de histórias como ferramenta educativa, integrando-a ao planejamento pedagógico de forma lúdica e reflexiva.

Ao refletir sobre os processos formativos que constituem a docência na EI, a presente discussão enxerga a contação de histórias como uma prática de linguagem carregada de intencionalidade educativa, afetiva e simbólica. Narrar histórias, torna-se



uma forma de habitar o cotidiano pedagógico com escuta, sensibilidade e autoria. É nesse movimento que a formação docente se forma e se transforma, em interação com o outro, com o mundo e com os saberes tecidos no exercício narrativo. Como afirma Pereira (2016, p. 48).

Repensar a formação de professores passa, a meu ver, necessariamente, por considerar a condição humana em sua processualidade, isto é, como sujeitos subjetivados no interior de suas práticas coletivas, institucionais e sociais. [...], como se produz o sujeito, de como ele se constitui e se constrói dentro das, práticas, de como elabora seu conhecimento e suas ações.

Essa relação dialógica entre o contar e o constituir-se como educadora, a prática de contação de histórias revela-se como um eixo norteador que dá movimento à educação infantil. É importante destacar que esta investigação, inspira-se nas perspectivas da pedagogia crítica, propondo associabilidade entre a prática da contação de histórias e o percurso formativo de docente na EI, o qual atravessa tanto os sujeitos infantis quanto os sujeitos docentes.

Nesse sentido, a formação de professor da EI frente às experiências entre as crianças brasileiras e crianças africanas, é compreendida como um processo contínuo de construção identitária, ética e estética, em que o narrar se torna um gesto de implicação e de presença. Não se trata de romantizarmos o percurso árduo do ser/estar docente nos espaços educativos brasileiros, mas é sobre refletir o que dizem as palavras de Munduruku (1996, p. 39) “[...] não escolhi ser índio..., mas escolhi ser professor, ou melhor, confessor de meus sonhos. Desejo narrá-los para inspirar outras pessoas a narrar os seus, a fim de que o aprendizado aconteça pelas palavras e pelo silêncio. É assim que dou aula: com esperança e com sonhos”.

Vale destacar a extrema importância que é o compartilhamento das experiências entre professores e professoras e o objetivo crucial do processo formativo na constituição individual do ser docente. Mediante ao exposto, é imprescindível citar que ao longo dos tempos, a contação de histórias foi ganhando espaço no cotidiano escolar, mesmo sendo vista como útil e importante elemento de aprendizagem de cunho pedagógico, é necessário destacar que a CH não tem origem no currículo educacional, e sim, tornou-se recurso essencial nas práticas educativas, principalmente no cotidiano da educação infantil.

Assim, a contação de histórias é tomada aqui como uma prática que tensiona o tempo didático, reconfigura o espaço educativo e convoca docentes a articular experiência, escuta e invenção. Ela opera como um dispositivo potente na formação



docente, na fomentação das vozes infantis presentes no território franciscano, pois convoca professores a um exercício constante de interpretação do mundo e de si mesmo. Ao contar, o docente reconta suas referências, reelabora sua escuta e reinscreve sua voz no cotidiano da escola, este é um ato formativo em essência.

2. Objetivos

Estudar o desenvolvimento do processo educativo docente mediante as práticas de contação de histórias no contexto da educação infantil no município de São Francisco do Conde – Ba.

Compreender qual o papel da contação de histórias na educação infantil permeada por crianças brasileiras e crianças africanas.

Perceber como a contação de histórias contribui para o processo de formação e desenvolvimento das práticas de professores da EI.

Identificar os sentidos atribuídos pelos docentes à contação de histórias como dispositivo pedagógico e formativo na educação infantil.

3. Referencial Teórico

É importante refletirmos sobre a configuração e constituição da sociedade brasileira mediante o contexto histórico, uma vez que, a nossa população do Brasil é construída pela diversidade de povos e culturas que migram para o nosso país. No entanto, a questão da migração social, além de resultar na formação do nosso povo, faz alterações significativas na composição da educação escolar brasileira. Desse modo, contribui-se para pensarmos nos atravessamentos contemporâneos que afetam o cotidiano educacional do município em questão.

Portanto, no mundo contemporâneo, as experiências interculturais são constantes e causam impactos na formação do sujeito no ambiente educacional, os quais são moldados por conteúdos que proliferam na sociedade como verdade única, absoluta e incontestável. Afinal, o que vem a ser contemporâneo na atualidade? Para Agamben (2009, p. 63), “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber, não as luzes, mas o escuro”. Na educação, contemporâneo, é nos atermos ao compromisso educacional com a intenção de propor mudanças e nelas valorar os modos diversos de constituir o sujeito, dentro e fora dos espaços escolares.

Diante desse pensamento, é possível afirmar que a educação no território de São Francisco do Conde - Ba, foi e está sendo ressignificada após a chegada desses grupos de estudantes africanos e suas famílias. Logo, o sistema de ensino municipal, precisa reconfigurar os modos de construção de saberes, a partir dos conhecimentos, da cultura e das



perspectivas das crianças estudantes da rede pública, assim, como também é importante escutar as vozes que ecoam o ponto de vista dessas famílias imigrantes.

Consequentemente, é importante ressaltar que a história da educação infantil no Brasil aponta ganhos significativos na valorização da criança como sujeito de direitos. É visto que, os direitos da criança garantidos pelo Estado apresentam-se no texto da Constituição Federal (Brasil, 1988) e nos normativos do Marco Legal da Primeira Infância (2016) que estabelece diretrizes e princípios para a formulação e integração de políticas públicas voltadas às crianças de zero a seis anos de idade, com foco no desenvolvimento integral e no respeito à primeira infância como etapa fundamental da vida humana.

Neste contexto, torna-se necessário refletir de forma crítica e sensível como as práticas de CH, quando contextualizadas e fundamentadas nas experiências culturais compartilhadas entre crianças brasileiras e crianças africanas, podem contribuir para ressignificação dos saberes e o fazer pedagógico. Essa perspectiva reconhece que não se trata apenas de apresentar conteúdos relacionados à diversidade ou à história da África, mas sim de construir pontes culturais que permitam às crianças reconhecerem-se como parte de um tecido histórico, social e identitário mais amplo, no qual múltiplas vozes, narrativas e vivências se entrelaçam.

Como apresenta Teodoro (2020), as crianças devem ser compreendidas como sujeitos com voz própria, capazes de produzir culturas por meio de suas interações com outras crianças e com os adultos, assim, podendo contribuir significativamente para o enriquecimento do percurso formativo docente, reconfigurando a jornada formativa de professores da EI.

Assim, essa compreensão desloca a criança do lugar de receptora passiva para o papel de protagonista de sua própria aprendizagem, atribuindo-lhe a capacidade de transformar e contribuir para a formação do professor. Esses elementos são fundamentais nas práticas docentes norteadas pela perspectiva da educação inclusiva, tratando a inclusão como um paradigma educacional que atende e inclui todos os estudantes, sem exceção.

Destarte, é sobre tratarmos com respeito e equidade as experiências culturais africanas e brasileiras compartilhadas no contexto da EI, sendo que através das discussões dessas vivências no cotidiano escolar, as crianças passam a reconhecer a pluralidade cultural como parte constitutiva de suas identidades e das identidades coletivas.

Paralelamente, esse caminho abordado pode contribuir significativamente para o enriquecimento do percurso formativo docente, uma vez que desafia os professores da EI a repensarem suas concepções pedagógicas, seus modos de interação e suas referências teóricas.



Nesse sentido, o diálogo intercultural torna-se um elemento central para a reconfiguração da jornada formativa docente, incentivando o desenvolvimento de práticas mais inclusivas, sensíveis e comprometidas com a valorização de múltiplos modos de ser e viver.

Dessa maneira, isso implica repensar os processos de formação inicial e continuada, como afirma Tardif (2014), ao dizer que os saberes docentes na contextura identitária do sujeito em que se instala sua cultura, revela-se a profissionalização docente através das experiências pessoais, reconhecendo a contação de histórias como dispositivo pedagógico potente, capaz de valorizar a diversidade, fomentar o pertencimento étnico-racial e impulsionar práticas educativas interculturais no cotidiano escolar.

Em outras palavras, o encontro entre culturas infantis brasileiras e africanas não só amplia repertórios e sensibilidades, como também impulsiona transformações na própria forma de estar na escola, ensinar e aprender. É a escola se transformando para atender às especificidades das crianças e seus modos de aprender e construir seus conhecimentos.

As práticas de CH na educação infantil, por vezes, têm como foco o fortalecimento da linguagem oral infantil, a sensibilização da escuta nas crianças, bem como a promoção da participação ativa das crianças nas experiências narrativas, dentre outras questões como defendem Santos; Oliveira (2024), que contar histórias é uma prática possível justamente porque mobiliza recursos tipicamente humanos, como a imaginação, a criatividade, a memória e a capacidade de emocionar e se emocionar, além de constituir significativamente a formação continuada.

4. Metodologia

Com base nessa realidade, optamos por uma abordagem qualitativa de pesquisa, fundamentada nos estudos (auto)biográficos com Amado; Ferreira (2014) e na observação participante segundo Correia (2009), a qual ocorre por meio da convivência direta, constante e duradoura da professora pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, inseridos no mesmo contexto cultural, atuando como instrumento central do processo investigativo.

Com isso, a contação de histórias é aqui compreendida como um dispositivo pedagógico que transcende o ato de narrar, apresentando-se como forma memória, de construção de identidade e de pertencimento, especialmente no encontro com crianças que carregam consigo outras culturas, línguas e modos de viver. Contar histórias torna-se, ação educativa e política, que possibilita às crianças reconhecerem-se e serem reconhecidas em suas identidades e singularidades.

A metodologia adotada apoia-se nos dispositivos de produção de informações da observação participante de práticas de CH e na sistematização dos registros no diário de



bordo, conforme orientações de Proença (2022), o que possibilitou o acompanhamento e análise de transformações nas ações docentes ao longo da investigação, sendo este estudo realizado no ano letivo de 2024.

No entanto, vale salientar que o diário de bordo se constituiu como espaço de registro reflexivo, no qual foram anotadas percepções, diálogos, situações vividas, reações das crianças e dos docentes, além das interpretações emergentes durante o processo. Esse material possibilitou não somente o acompanhamento, mas também a análise das transformações nas ações docentes ao longo da investigação.

Dessa forma, a pesquisa se caracteriza como um movimento contínuo de observar, interpretar, ressignificar e transformar, em diálogo com os sujeitos e com os contextos educativos nos quais se inserem.

5. Resultados

A análise dos registros no diário de bordo e da observação participante indicou que, ao longo do processo investigativo, houve uma transformação gradual nas práticas pedagógicas da professora de educação infantil. A docente passou a adotar uma postura de escuta mais sensível e atenta às narrativas das crianças, reconhecendo seus repertórios culturais como fonte legítima de saber. Essa mudança se refletiu tanto na seleção das histórias apresentadas quanto na forma de condução das atividades, que passaram a ser mais dialógicas, abertas à participação e ao compartilhamento de experiências.

Destarte, foi possível identificar que a contação de histórias, quando associada às memórias e culturas de origem das crianças imigrantes, favoreceu a construção de laços afetivos e de reconhecimento no espaço escolar. As narrativas evocaram elementos culturais de ambos países de origem dos sujeitos desta investigação, promovendo momentos de construção da identidade docente e contribuindo para que a professora se sentisse acolhida, respeitada e pertencente ao ambiente educativo.

Assim também, as informações colhidas apontam que o ato de narrar histórias foi ressignificado pela professora, podendo ser experienciadas atividades lúdicas que passaram a ser vistas como práticas intencionais e com potência formativa e política. A professora reconheceu que, por meio das histórias, é possível tensionar estereótipos, ampliar repertórios culturais e promover reflexões sobre diferenças, respeito e convivência.

Assim, a contação de histórias assumiu lugar de centralidade no planejamento pedagógico. Além disso, sublinha-se que o envolvimento da pesquisadora no cotidiano escolar, conforme pressupõe a observação participante, possibilitou a construção de um



processo de formação docente em movimento, sustentado pelo diálogo, pela escuta e pela reflexão conjunta.

À guisa de conclusão, emergiram-se reflexões da própria prática docente, uma vez que ela mesma se indagou sobre a presença investigativa não como vigilância de sua prática, mas como uma autoformação que fortaleceu tomadas de decisão e os processos de autoavaliação da docência que a constitui.

Considerações finais

Dessa maneira, importa dizer que, assim como as demais crianças brasileiras ou imigrantes, professores da educação infantil precisam sentir-se parte desse ‘novo’ lugar. A exemplo disso, é sobre a permanência da criança imigrante na escola brasileira. Pois, para ela, estudar no Brasil não é somente ‘ter que conviver’ com uma nova cultura, mas sim, continuar sendo criança nesse novo espaço, trazendo consigo suas histórias, suas narrativas, seus modos de aprender e compartilhar saberes.

Sobretudo, é ter assegurado o direito de continuar sendo criança neste novo espaço, implicando reconhecer e acolher suas histórias, suas narrativas, suas formas de ser, aprender e compartilhar saberes com o grupo.

Nesse sentido, a presença da criança imigrante no contexto escolar não deve ser tratada como exceção ou desafio, mas como uma oportunidade de ampliação de olhares, de revisão de práticas e de fortalecimento do compromisso ético com a diversidade e a dignidade humana.

Dessa mesma maneira, essas reflexões cabem para o contexto do docente na EI, já que tais fatores fomentam o percurso para sua formação em um contexto significativo e produtor de saberes, que é a educação para/com às infâncias.

Em consequência disso, quando afunilamos às discussões da tradição oral e sua importância na valorização do processo de mediação de aprendizagens, compactuamos com Hampaté Bâ (1981) quando afirma que as narrativas orais são comparadas aos ofícios artesanais, já que são elementos vivos. E nessa arte terapêutica, o professor lê o mundo e a vida. E na condição de sujeito ator, é capaz de ler o que ouve e o que sente, apontando-nos a diversidade cultural e os modos de vida presentes em seu fazer, os quais são expressos através das linguagens que emergem através das vivências com as narrativas orais.

Desse processo, decorre uma contribuição significativa para a formação docente, pois favorece a construção de ambientes educativos realmente dialógicos, nos quais diferentes



repertórios culturais são reconhecidos e valorizados. Ao acolher as vivências, as linguagens e as identidades da criança migrante, o docente da EI passa a atuar como um espaço de produção de conhecimentos, e não apenas de transmissão de conteúdo. Assim, amplia-se a possibilidade de desenvolver práticas pedagógicas mais sensíveis, humanizadas e plurais, comprometidas com aprendizagens significativas e com a construção de uma educação inclusiva.

Narrar e ouvir histórias mobiliza a imaginação, fortalece vínculos e cria condições para que cada criança se reconheça como sujeito de uma história que merece ser contada e ouvida. Esse movimento convoca a docência da educação infantil a assumir uma postura de escuta sensível, de olhar cuidadoso e de presença afetiva, elementos indispensáveis ao roteiro ético, estético e político que orienta o trabalho docente com crianças.

Logo, compreende-se que contar histórias é também contar mundos, e é por meio desse ato que se afirmam a inclusão, o pertencimento e a potência da docência como lugar de criação e transformação.

Em suma, evidencia-se que a contação de histórias, longe de ser apenas um recurso lúdico, é um gesto formativo que convoca a docência na EI para além de uma postura de presença afetiva, é sobre valorizar os elementos indispensáveis ao roteiro de formação do trabalho docente com crianças.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AMADO, João; FERREIRA, Sonia. **Manual de investigação qualitativa em educação**. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2ª ed. 2014.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília,
- BRASIL. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016**. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância - Marco Legal da Primeira Infância. Brasília, DF: Congresso Nacional, [2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm. Acesso em: 18 dez. 2024.
- CORREIA, Maria da Conceição Batista. (2009). A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem**, v. 13, n. 2, 30–36. Disponível em: <https://doi.org/10.56732/pensarenf.v13i2.32>. Acesso em: 28 de jul. 2025.



HAMPATÉ Bâ, Amadou. **A tradição viva**. Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História da África. Edição Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **Pedagogia(s) da Infância: reconstruindo uma práxis da participação**. In.: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko. Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato. (org.). Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o passado: Construindo o futuro. Porto alegre: Artmed, 2007.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. 1ª ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

PROENÇA, Maria Alice. **O registro e a documentação pedagógica**: entre o real e o ideal... o possível. São Paulo: Panda Books, 2014.

SANTOS, Souza Santos; OLIVEIRA, Rosemary Lapa de. (2020) A constituição do sujeito leitor pela via da contação de histórias. **Momentos – Diálogos em Educação**. 29 (2). Disponível em <https://doi.org/10.14295/momento.v29i2.8927>. Acesso em: 20 dez. 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEODORO, Cristina. (2020). A constituição de corpos negros em espaços de educação infantil: o lugar da identidade e do pertencimento étnico-racial. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, v. 12, n. 33, 110–133. jun./ago. 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1005>. Acesso em: 28 de jul. 2025.